


**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS**  
**CAMPUS DE ARARAQUARA, SP**

CARLA BESSA DA SILVA

**FORMAÇÃO INICIAL E CONCEPÇÕES DE  
ASSISTENTES SOCIAIS DO INTERIOR DO RIO  
GRANDE DO NORTE SOBRE A SEXUALIDADE  
DA PESSOA IDOSA**



ARARAQUARA – S.P.

2015

CARLA BESSA DA SILVA

# **FORMAÇÃO INICIAL E CONCEPÇÕES DE ASSISTENTES SOCIAIS DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE SOBRE A SEXUALIDADE DA PESSOA IDOSA**

Dissertação de Mestrado, apresentando ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de Pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientador:** Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão.

ARARAQUARA – S.P.

2015

### Ficha catalográfica

SILVA, Carla Bessa da.

Formação inicial e concepções de assistentes sociais do interior do rio grande do norte sobre a sexualidade da pessoa idosa / Carla Bessa da Silva.– 2015.

166 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara).

Orientador: Andreza Marques de Castro Leão.

1. Concepções. 2. Sexualidade da Pessoa Idosa. 3. Formação Inicial. 4. Serviço Social. 5. CRAS. I. Título.

CARLA BESSA DA SILVA

# **FORMAÇÃO INICIAL E CONCEPÇÕES DE ASSISTENTES SOCIAIS DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE SOBRE A SEXUALIDADE DA PESSOA IDOSA**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

**Orientador:** Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão.

Data da defesa: 27/08/2015

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador:** Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão  
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia  
Faculdade de Ciências de Bauru – UNESP/Bauru

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Welson Barbosa dos Santos  
Universidade Federal de Uberlândia –UFU/ Uberlândia

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*Dedico este trabalho aos meus eternos grandes amores Francisco Carlos da Silva e Maria das Graças Bessa da Silva (in memorian), à minha irmã Carliane Bessa da Silva e ao meu companheiro José Cezinaldo Rocha Bessa. A todas/os “as/os idosas/os” que me conduziram a realizar tamanho e precioso estudo, e revelo, ao mesmo tempo, a minha angústia de ver como são discriminados em relação a sua sexualidade perante toda uma sociedade que se diz democrática.*

## AGRADECIMENTOS

Na minha vida, agradecer é um sinônimo de humildade que jamais quero perder. Então, agradeço o conhecimento de vida, bem como científico, em que o resultado disso foi a superação de concluir esse trabalho especial. AGRADEÇO:

A Deus, que iluminou os meus caminhos durante toda minha jornada de vida, garantindo os suportes necessários para que eu realizasse o meu sonho de infância. Não poderia deixar de citá-lo, pois a fé e a esperança me impulsionaram para que cada dia fosse motivo de superação. Obrigada, Senhor, pois tenho a certeza que nunca me abandonou nas noites mais frias, nem quando me faltou inspiração para escrever. Agradeço também pelas pessoas que o Senhor permitiu que cruzassem meu caminho. Enfim, meu amigo de todas as horas, o meu infinito e eterno obrigado.

Agradeço aos meus pais (in memoriam), pela vida. A minha mãe em especial, pelos ensinamentos das primeiras letras, pelos carinhos, aconchegos, conselhos, por ter sido amiga, companheira e uma BOA mãe. Por todo amor dedicado, o meu eterno obrigado.

Ao meu companheiro Cezinaldo, pela compreensão, apoio e custeio financeiro, mais que isso por está ao meu lado todos os dias, me escutando, abraçando quando o desânimo bateu, quando as noites foram longas. Por ser meu espelho de profissional, filho e irmão. O meu muito obrigada por tudo, mas principalmente por me aceitar como sou e conceber a vida ao nosso filho/a, que veio para abençoar ainda mais nossas vidas.

A minha irmã Carliane por compreender minha ausência nessa reta final. Obrigada por existir na minha vida, ser essa companheira, amiga, e um pouco mãe, por se preocupar comigo sempre. Te amo muito. Agradeço ao seu esposo Jackson por cuidar dessa flor.

A minha querida amiga e orientadora professora Dra. Andreza Marques de Castro Leão, que cruzou minha vida como um anjo. Foi amor à primeira vista e jamais poderei deixar de citá-la na minha nova caminhada que se segue. Obrigada por todo incentivo, carinho e confiança, sem seu auxílio esse sonho não teria se tornado realidade. Estendo o meu agradecimento ao seu esposo Igor e sua mãe Dona Olga pela compreensão da ausência.

Ao professor Dr. Paulo Rennes de Marçal Ribeiro, em especial pelo carinho com que me recebeu, pelo incentivo e por acreditar em mim. Estendo o meu agradecimento à sua esposa Regina.

Agradeço a minha banca examinadora na qualificação, aos professores Doutores Paulo Rennes de Marçal Ribeiro e Ana Cláudia Bortolozzi Maia, pelos apontamentos brilhantes para aprimoramento desta pesquisa, pela sensibilidade de enxergar cada detalhe e pelo tempo que

empenharam com dedicação para me instruir, em um dia no qual jamais esquecerei, pois admiro muito esses dois professores, que me despertam e provocam reflexões da educação sexual.

Agradeço também minha banca examinadora na defesa aos professores Doutores Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Welson dos Santos Barbosa por todas as instruções para que esta pesquisa se torne cada vez melhor.

A professora Dra. Célia Regina Rossi, por me aceitar como aluna ouvinte em sua disciplina, sendo está o início de tudo, pelo apoio e carinho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, pelo conhecimento adquirido nestes dois anos: Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia; Profa. Dra. Ana Cláudia Brancaleone; Profa. Dra. Célia Regina Rossi; Profa. Dra. Débora Raquel da Costa Milani; Profa. Dra. Denise Maria Margonari; Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina; Profa. Dra. Luci Regina Muzzetti; Prof. Dr. Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória; Profa. Dra. Márcia Cristina Argenti Peres; Profa. Dra. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen; Profa. Dra. Sueli Aparecida Itman Monteiro; Prof. Dr. Vagner Sérgio Custódio. Aos DOCENTES COLABORADORES: Profa. Dra. Fátima Elisabeth Denari e Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns. Também agradeço aos DOCENTES VISITANTES ESTRANGEIROS: Eladio Sebastián Heredero – Universidade de Alcalá, Espanha; Maria Isabel Chagas – Universidade de Lisboa, Portugal; Maria Filomena Teixeira - ESE – Instituto Politécnico, Coimbra, Portugal; – Maria Teresa Machado Vilaça – Universidade do Minho, Portugal.

Agradeço imensamente às professoras em especial Dra. Eliane Maio e Dra. Fátima Denari, à Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia, por terem aceitado gentilmente rever meu instrumento de coleta de dados. A colaboração de vocês foi primordial.

Aos meus colegas do mestrado com os quais compartilhei e aprendi. Adriana, Alessandra, Alex, Ana Márcia, Andréia, Anne, Daniel, Daniela, Débora, Fabiana, Fernanda, Franciely, Gabriella, Gustavo, Karina, Lidia, Natália, Priscila. Em especial à minha amiga Erica, que sempre foi um ponto de apoio e amizade, obrigada pelos momentos.

Aos meus novos amigos e queridos da Educação Escolar: Hamilton Vieira, Rita Petrenas, Robson, Valeria Gimenes, Ana Claudia (Figa), Franciele (Fran), Viviane, Karla, Shirley, Carina, Anne, Fernanda, sobretudo, pelo carinho e apoio nos momentos iniciais quando me deparei na UNESP.

À Fatima Gonnini por ser minha madrinha, por ser essa pessoa de luz na minha vida, por se preocupar comigo desde que cheguei na UNESP com tantos medos, angustias. Enfim muito obrigada madrinha por tudo.

A Ricardo Desiderio, o meu muito obrigada por cada livro, revista que me deu nos momentos iniciais.

As minhas queridas amigas Selma e Paola, pelo incentivo, carinho e confiança, pelas palavras certas nos momentos mais difíceis.

A Ana Maura, por toda atenção nesse momento especial da minha vida.

Agradeço à Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Araraquara, em especial ao Núcleo de Estudos em Sexualidade (NUSEX) e à Secretária Municipal de Assistência Social de Pau dos Ferros, RN.

As secretárias do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual: Caroline, Leda, Natalia e aos demais.

À comissão da Biblioteca da FCLAr-Unesp, pelo aprendizado pela confiança a mim depositada, a essa reponsabilidade de fazer parte desta comissão no período de 2014 e 2015. Em especial a Ana Paula, Sandra, Elaine e Silvia.

Estendo também meus profundos agradecimentos à minha querida cidade Pau dos Ferros, em especial, às Assistentes Sociais que participaram da pesquisa, além das demais pessoas que acreditaram neste trabalho (amigos, familiares e professores).

A todos que fazem parte da loja Retalhão da Economia, Cleide, Cláudio, Nogueira, Vanilma, Lúcia, Valquiria, Rosinha, Flávia, Toinha, Edme.

À Emilia Freitas, por acreditar no meu potencial dando a minha primeira oportunidade de trabalho na assistência social.

À Rosemeire pela atenção, empenho e grande profissional de normalização desse trabalho especial.

Às amigas Batista, Socorro, Alcídia, Ângela e Auricélia, Dona Josélia que me receberam com tanto carinho no seio de sua família.

A minha amiga Rosângela, por estar sempre disponível para escutar minhas angústias e por ter contribuído na correção deste trabalho.

Aos meus familiares pelos conselhos e carinho.

Termino esses agradecimentos expressando que almejo contribuir para que as/os idosas/os tenham qualidade de vida sexual. Exalto com tamanho orgulho o fato de ser do Nordeste, essa região ainda invisível diante de muitos olhares.



*Vivemos na sociedade globalizada, na tão destacada era da informação; no entanto, faltam comunicação real, diálogo, olho no olho, calor humano, compreensão, afeto. Há tanta gente falando sobre sexo e sexualidade, sem entender de fato sua verdadeira significação humana, que ultrapassa o caráter biológico, preventivo, psicológico.*

*(Bonfim, 2012, p.16).*

Silva, C.B. (2015). FORMAÇÃO INICIAL E CONCEPÇÕES DE ASSISTENTES SOCIAIS DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE SOBRE A SEXUALIDADE DA PESSOA IDOSA. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- SP, 166 p.

## RESUMO

O crescimento progressivo e acelerado da população idosa em todo o mundo, inclusive no Brasil, vem configurando um novo cenário na sociedade contemporânea. O envelhecimento da população traz implicações para a sociedade como um todo, de modo que esta precisa estar apta de maneira a propiciar uma melhor qualidade de vida à população idosa. Considerando, dentre outros aspectos, a necessidade do usufruto e vivência da sexualidade. Desse modo, se faz necessário profissionais capacitados em educação sexual para lidar com esse público, incluindo entre elas/es a figura da/o assistente social. Assim, a presente pesquisa, de cunho descritivo e de natureza qualitativa, teve por objetivo investigar as concepções das/os Assistentes Sociais do município de Pau dos Ferros/RN, sobre Sexualidade, Educação Sexual e sua formação inicial, com vistas a verificar como elas/es concebem a sexualidade da pessoa idosa e como lidam com a (in)formação sobre a educação sexual voltada para esse público. Assim, delimitamos como lócus de entrevistas os Centros de Referências de Assistência Social (CRAS), por entendermos que é nesse espaço que se promove o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, dentre eles o da pessoa idosa. A pesquisa contou com a colaboração de seis assistentes sociais, que responderam a uma entrevista semiestruturada contendo 16 perguntas abertas, que foram gravadas e transcritas na íntegra. A análise de dados se pautou na análise de conteúdo. Os resultados nos mostram que durante a formação na graduação em Serviço Social elas tiveram contato com a temática da sexualidade. Apesar disso, relataram dificuldades em sua práxis profissional em abordar este assunto junto aos grupos de convivência de idosas/os, sinalizando que o contato com o tema foi superficial. Quanto às concepções reveladas por esses profissionais, pudemos verificar, por exemplo, que elas confundem sexualidade com educação sexual. Além disso, as assistentes sociais relataram que destinam o trabalho de cunho sexual voltado para a/o idosa/o para outra/o profissional, no caso a/o enfermeira/o, mostrando-nos que há uma lacuna em sua formação inicial, que se reflete, portanto, no campo da atuação profissional. Enfim com o presente estudo, o ensejo não é apenas dar maior visibilidade à sexualidade da pessoa idosa, mas também e sobretudo apontar a importância de abordá-la no contexto da formação inicial e da atuação profissional da/o assistente social, destacando a relevância e a necessidade de uma formação específica destes profissionais para o trabalho de educação sexual direcionado a este público.

**Palavras-chave:** Concepções. Sexualidade da Pessoa Idosa. Formação Inicial. Serviço Social. CRAS.

Silva, C.B. (2015). INITIAL FORMATION AND SOCIAL WORKERS CONCEPTIONS FROM THE INTERIOR OF RIO GRANDE DO NORTE ABOUT THE SEXUALITY OF THE ELDER PEOPLE. Dissertation (Master Degree in Sexual Education). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- SP, 166 p.

### ABSTRACT

The fast and continuous growth of the elderly population all over the world, including Brazil, has been establishing a new scenery in the contemporary society. The aging of the population brings consequences to the society in general; therefore it has to be able to provide a better life quality to the elderly population. Considering, among other aspects, the need of usufruct and experience on sexuality. Therefore, it is necessary capable professionals to deal with this specific group, including also the presence of the social worker. Thus, this following research, of a descriptive impress and qualitative nature, has had a goal to investigate the initial formation and the conceptions of the social workers from the county of Pau dos Ferros / RN, about Sexuality and Sexual Education, focusing on checking how they receive the sexuality of the elderly people and how they deal with the formation / information regarding sexual education focused on this group of people. So, we have delimited for an interview the site Social Assistance Reference Centers (CRAS), for we believe that it is in this place that the strengthening of familiar and communitarian bounds is promoted, including the elderly people. The research has had the support of six social workers, who responded to a semi-structured survey containing sixteen opened questions, which were recorded and transcribed in full. Following a qualitative way, the data analysis was based on the content analysis. The results have showed us that in some moment of the formation on the graduation of the social workers, they had contact with the sexuality theme. Despite that, they have reported difficulties in their professional practice when it comes to bringing this subject up with the groups of acquaintanceship of elders, showing that the contact with this subject had been superficial. As for the conceptions found by these professionals we could see, for instance, that they confuse sexuality with sexual education. Besides, the social workers have reported they address the sexual theme regarding elderly people to other professionals, nurses, showing us that there is a gap in their initial formation reflecting, therefore, in their professional practice field. Thus, the following study main goal is not merely provide a better visibility to the sexuality of elderly people, but also and specially point out the importance of bringing up this subject in the context of the initial formation and the professional practice of the social worker, highlighting the importance and necessity of a specific formation of these professionals for the work on sexual education directed to this community.

**Key words:** Conceptions. Sexuality of Elderly People. Initial Formation. Social Work. CRAS.

## 1 INTRODUÇÃO

Para melhor sistematizar nosso trabalho e possibilitar uma melhor compreensão das questões suscitadas, optamos por dividir a presente seção de *Introdução* em quatro tópicos, conforme segue:

### 1.1 Apresentação

O interesse pela temática da sexualidade e da educação sexual sempre esteve presente na minha jornada acadêmica, sem que eu percebesse de maneira mais clara a sua relevância. Aliás, este tema me inquietava, e me inquieta ainda, justamente porque falar de sexualidade descortina inúmeros tabus, mitos<sup>1</sup> e preconceitos presentes, de maneira evidente, ainda hoje, na sociedade.

Em 2009, tive meu primeiro contato direto com a referida temática, quando realizei a disciplina de Estágio Supervisionado, no curso de Serviço Social da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Pensei, naquela ocasião, sobre como os discentes de um curso de Serviço Social poderiam intervir para melhorar a qualidade de vida de algum grupo social. Que relevância esse trabalho poderia trazer? Que grupo seria mais vulnerável às discriminações e preconceitos existentes na sociedade? Depois de tantos diálogos e reflexões, optei, juntamente com minhas/meus colegas de estudo, por realizar uma intervenção<sup>2</sup> em dois cabarés<sup>3</sup> de Pau dos Ferros, cidade situada no interior do estado do Rio Grande do Norte (RN).

No referido município, como em qualquer outro município do Brasil, sobretudo quando afastado dos grandes centros, a temática da sexualidade parece se mostrar mais propícia à reprodução de tabus, mitos, preconceitos e de visões do senso comum, seja por falta de conhecimento das pessoas, seja por questões culturais, entre outras. No nosso caso, o contexto

---

<sup>1</sup> Estamos partindo da ideia de mito da forma como pensa Rodrigues (2001), quando expressa que: “mitos são crenças e ideias vividas como verdades. Muitos mitos são aprendidos com a família, com os amigos e com o mundo. Outros mitos são criados dentro da cabeça, independentemente do mundo dizer se é verdade ou não” (p.30). Sendo assim, concordamos com Furlani (2007), quando ressalta que “... os mitos e tabus (principalmente sexuais), como construções/invenções humanas, frutos do desenvolvimento e da interação sócio-cultural, torna-se fundamental ao trabalho de educadoras e educadores sexuais ...” (p.15).

<sup>2</sup> Ressaltamos que, conforme Fauray (2003), “o Serviço Social utiliza o conceito de intervenção no sentido de trabalhar os relacionamentos sociais, na perspectiva de mediação. A intervenção seria uma ação profissional que tem uma intenção: modificar ou alterar uma determinada situação social” (p.107).

<sup>3</sup> *Cabaré* e *prostituta* são os nomes populares usados na cidade para identificar o ambiente de trabalho das mulheres que praticam a prostituição. Porém existem muitas outras denominações, em outras regiões e cidades, tanto para o ambiente (*Casa de campo*, *Bordel*, entre outros), como para as mulheres que praticam essa atividade (*meretrizes*, *mulheres da vida*, *profissional do sexo*, entre outras).

no qual nos inserimos para realizar a atividade tornava-se ainda mais sujeito a tudo isso, pois os “ambientes de prostituição” estão entre os maiores alvos de preconceito, de discriminação e, porque não dizer, de exclusão social, que atingem especialmente aquelas/es que vivem da prática do sexo.

Os tabus começaram em e entre nós mesmas/os quando decidimos fazer a intervenção nos cabarés. Os questionamentos foram inevitáveis: como entrar em um cabaré? Como agir? Quem iria fazer essa intervenção? Até porque, até aquele momento, nenhuma disciplina do nosso curso de Serviço Social havia abordado a temática, de modo que acabamos atribuindo a uma enfermeira e a uma psicopedagoga a responsabilidade de realizar algum trabalho no âmbito da educação sexual. O trabalho conduzido voltou-se para o fator biológico, centrando-se notadamente em aspectos da prática do sexo, já que se limitou a focalizar a questão das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e suas formas de prevenção.

O despertar para a necessidade de mergulhar na temática da educação sexual e da sexualidade humana se deu por meio dos relatos das prostitutas. O diálogo com elas não só ampliou bastante meu olhar sobre a sexualidade humana, mas possibilitou também refletir e perceber de forma mais evidente que em todo contexto da sociedade, seja no âmbito familiar, escolar, religioso, entre outros, falar de sexo e de sexualidade ainda “apavora” as pessoas. Esse diálogo me fez pensar sobre o quanto as pessoas, de modo geral, revelam dúvidas quando tentam exprimir o que seja sexo e o que seja a vivência da sexualidade, bem como o quanto ainda muitas/muitos delas/deles chegam a silenciar os seus próprios desejos, sentimentos e necessidades, que, muitas das vezes, se transformam em culpa e repercutem nos valores morais e saber do senso comum.

Em setembro de 2010, quando formada e já em atuação profissional como Assistente Social junto a crianças, adolescentes e idosas/os de comunidades carentes, assistidos pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pau dos Ferros, sentia-me atraída pelo desejo de abordar a temática da sexualidade, porém, ainda naquele momento, muitas dúvidas e inquietudes me acompanhavam, sobretudo por não saber como lidar com este assunto, provavelmente devido à falta de (in)formação nessa área.

Na prática profissional, ao me deparar com perguntas e situações de cunho sexual nessas distintas faixas etárias, sempre delegava para a/o<sup>4</sup> enfermeira/o a responsabilidade de saná-las,

---

<sup>4</sup> Assim como Furlani (2011), assumimos, neste trabalho, a regra que representa o feminino sempre à frente do masculino. Logo, como Furlani (2011), “subverto a regra que apresenta o masculino sempre à frente do feminino. Viabilizo quando for o caso, a inclusão de gênero, a partir do artigo ‘a’ e, a seguir do artigo ‘o’, sempre com a utilização de barras (e não parenteses): a/o, professoras/es, alunas/os, etc.” (§ 5). Assim, como a

evidenciando o viés biológico de minha formação. Muitas das vezes, realizava rodas de conversa com os grupos de Convivência transferindo meus juízos de valor, repleto de concepções pessoais, morais, culturais e do senso comum.

Certa vez, ficou evidente, na fala de uma idosa no CRAS onde eu atuava, que, quando o assunto é a sexualidade, o medo ainda impera. Na ocasião, escutei o seguinte comentário dessa idosa: “às vezes finjo que sou surda ao ouvir minhas filhas comentarem sobre sua vida sexual”, que me fez pensar sobre como a/o idosa/o também sente desejo de vivenciar a sexualidade e como ela/ele manifesta interesse de falar sobre sexo. Não por acaso, Foucault (1988) afirma que

... Afinal de contas, somos a única civilização em que certos prepostos recebem retribuição para escutar cada qual fazer confidência sobre sexo: como se o desejo de falar e o interesse que disso se espera tivessem ultrapassado amplamente as possibilidades da escuta, alguns chegam até a colocar suas orelhas em locação. (p.13).

Observando essa vontade de se manifestar expressa pela idosa da comunidade e considerando o papel de alguns atores sociais, entre os quais as/os assistentes sociais que lidam com idosa/o, alguns questionamentos vieram à tona, tais como: o que as/os assistentes sociais entendem por sexualidade e por educação sexual? Como elas/eles concebem a sexualidade da pessoa idosa? Como elas/eles, em suas práticas, lidam com a sexualidade da pessoa idosa? Na sua formação acadêmica, elas/eles tiveram alguma disciplina voltada para lidar com a sexualidade da pessoa idosa?

Além de um projeto rumo à construção de conhecimentos e crescimento acadêmico e de aprimoramento profissional, a possibilidade de ingressar em um mestrado que me possibilitasse centrar-me na questão da sexualidade da pessoa idosa se mostrava como meu novo projeto de vida. Diante disso, no primeiro semestre de 2012, tive a oportunidade de cursar uma disciplina no mestrado em Educação Escolar, na linha de pesquisa em sexualidade, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no *Campus* de Araraquara.

Ainda que a disciplina, ministrada pela professora doutora Célia Regina Rossi, estivesse mais focada na questão da construção do feminismo, essa experiência foi de extrema importância no percurso vivido até aqui, pois me acendeu novamente as inquietações pela temática da sexualidade. Neste mesmo ano, tive mais uma vez a oportunidade de cursar outra

---

referida autora, utilizaremos desta marcação principalmente para nos remeter a/o idosa/a, a/o assistente social, aquela/ aquele, enfermeira/o, ela/ele etc.

disciplina, *Metodologia do Trabalho Científico*, com os professores doutores Paulo Rennes Marçal Ribeiro e Andreza Marques de Castro Leão, o que fez com que eu me aproximasse das leituras e pesquisas no campo da educação sexual desenvolvidas por esses dois professores, sobretudo porque fui convidada para participar do Núcleo de Pesquisa em Educação Sexual (NUSEX) e, posteriormente, de alguns estudos sobre a Sexualidade e a Educação Sexual que esse grupo realiza, o que foi decisivo para o ingresso no mestrado em 2013.

Em suma, cursar uma Pós-Graduação nessa área revela-se importante porque, como se sabe, os estudos sobre a sexualidade e a educação sexual ainda instigam reflexões e requerem pesquisas, principalmente, quando voltadas para pessoas idosas, já que se trata de uma temática ainda pouco explorada entre os distintos profissionais e ainda mais porque envolve senso comum, estigmas, estereótipos<sup>5</sup>, mitos, preconceitos e discriminação.

Sendo assim, encarar um projeto que envolva essas temáticas, em especial sobre a sexualidade da/o idosa/o e a formação inicial da/o assistente social voltada para esse público, é uma empreitada ousada que encaro aqui.

Além de contribuir para desconstruir preconceitos, senso comum, mitos e estereótipos, espero que este trabalho, muito mais que uma mera reflexão, seja uma forma de contribuir para as pesquisas do Serviço Social na área de educação, bem como fortaleça, concomitantemente, os estudos sobre Gerontologia, Educação Sexual e Sexualidade Humana, de modo dar oportunidade de visibilidade e acolhimento para as/os idosas/os em relação a sua sexualidade, algo que se faz tão necessário e urgente, sobretudo pelo fato do crescente número de pessoas idosas em nossa sociedade e no mundo todo.

## **1.2 Problematização da pesquisa**

É fato inconteste que, nos dias de hoje, em diversos países do mundo, tem se registrado um crescimento progressivo e acelerado da população considerada idosa. Porém, paralelo a isso, muitos são os desafios postos a esta população no que se refere às políticas públicas, dada a necessidade de constantes mudanças, pesquisas e esforços de se garantir a continuidade do

---

<sup>5</sup> Nesta pesquisa, utilizamo-nos do termo estereótipo, entendendo que “quando se tem preconceito em relação a determinado grupo de pessoas, costuma-se construir uma imagem negativa sobre esse grupo. Sempre quando alguém fala desse grupo de pessoas imediatamente surge na mente do ouvinte imagens negativas. Essa imagem negativa é o estereótipo... que funciona quase como um carimbo, a partir do que a pessoa é vista sempre através de uma marca, pouco importando como realmente ela seja” (Bento 1999, p. 38 citado por Guiraldelli & Engler, 2008, pp. 253-254).

processo de desenvolvimento econômico e social dos países, e ainda de assegurar a igualdade e direitos entre os grupos etários na participação dos recursos e do bem estar social.

O contexto atual exhibe também o que se pode denominar de não aceitação da velhice, revelada mediante uma luta desenfreada das pessoas para retardá-la tanto quanto possível. Trata-se de um comportamento determinado sobretudo pelos atuais padrões estéticos e respaldado na concepção de que o envelhecimento do corpo é algo incomum e por isso mesmo se deveria evitar. Cabe frisar, no entanto, que envelhecer é um processo natural e inerente aos seres vivos, inclusive ao ser humano, caracterizando uma etapa não menos importante da vida. Esse processo dá-se por diversos tipos de mudanças biopsicossocial que acontecem de forma particular e subjetiva a cada indivíduo.

Em relação ao Brasil, há uma certa dificuldade para se definir com clareza quando uma pessoa começa a ser considerada idosa. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece que a definição de idosa/o se dê com base no desenvolvimento econômico de cada país. Sendo assim, estabelece que, nos países desenvolvidos, idosa/o é aquele indivíduo a partir de 65 anos, enquanto que, em países em desenvolvimento, idosa/o é aquele indivíduo com 60 anos ou mais de idade<sup>6</sup>.

Considerando essa afirmação, adotamos o termo “IDOSA/O” em toda discussão desta pesquisa, para nos remetermos a essa pessoa no processo de envelhecimento que consideramos a partir de 60 anos de idade, embora muitos autores e pesquisas no contexto brasileiro tragam diferentes representações, idades e assim utilizem termos distintos para se referirem a essa etapa de vida do ser humano. Outrossim, a nossa posição de adotar o termo “IDOSA/O” se baseia também na literatura geriátrica e gerontológica, que agrega-o para fazer menção a pessoa da faixa etária de 60 anos ou mais, conforme a Organização das Nações Unidas (ONU). (Paiva, 2014).

---

<sup>6</sup>Com base nas palavras de Debert (2010), salientamos que: “obviamente, quando se procura estabelecer uma relação entre modernidade e cronologização da vida, é preciso levar em conta as variações nas etapas e na extensão em que o seu curso é periodizado em sociedades modernas distintas, bem como o tipo de sequência cronológica que caracteriza a experiência de diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade; é, sobretudo, importante refletir sobre a especificidade do curso da vida das mulheres” (p. 59). Porém, o mesmo autor enfatiza que “as idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social: a incorporação de mudanças dificilmente se faria sem uma nova cronologização da vida; seria um exagero supor que a idade deixou de ser um elemento fundamental na definição do *status* de uma pessoa. (p. 61). Conforme Paiva (2014), “a definição dos sessenta anos como referência da entrada na velhice pelo indivíduo, sua condição de *idoso*, foi instituída pela ONU em 1985” (p. 37).



Outra problemática referente a esse tema diz respeito à garantia plena dos direitos da/o idosa/o. No Brasil, para que a pessoa idosa obtivesse mais proteção social<sup>7</sup>, direitos e dignidade, surgiram dispositivos constitucionais e legais como o Estatuto do Idoso, lei 10.741 de 1 de outubro de 2003, que delimita medidas de proteção a pessoa com 60 anos ou mais de idade, assim como a Política Nacional do Idoso (PNI), lei nº 8.842, que caracteriza a/o idosa/o como aquele indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos.

Contudo, na prática, a maioria dos benefícios a que a/o idosa/o tem acesso tem início aos 65 anos de idade. Essa indefinição traz uma série de prejuízos aos idosos em vários aspectos. Para se ter uma ideia, apresenta-se aqui a realidade da cidade de São Paulo, conforme descrita por Flange (2010),

Em São Paulo, por exemplo, é só a partir dos 65 anos que os cidadãos passam a ter direitos como andar de graça em ônibus, metrô e trem ou pedir o auxílio salário mínimo. A polêmica acaba interferindo até no privilégio das filas preferenciais. Na hora da aposentadoria, a confusão continua. São diferenciadas as vantagens oferecidas para os idosos a partir de 60 e 65 anos, assim como a opinião de especialistas que defendem a terceira idade aos 60 anos. ( p. 10).

Estudos diversos mostram que, em virtude do aumento da expectativa de vida e do acelerado envelhecimento populacional do país, “estima-se que nos próximos 20 anos a população de idosos poderá ultrapassar mais de 30 milhões de pessoas e deverá representar 13% da população ao final deste período” (IBGE, 2002). Quando observamos essas estatísticas, somos, de imediato, convocados a refletir sobre as dificuldades e os desafios de ser idosa/o na sociedade contemporânea. Somos tomados pela ideia de que algo precisa ser feito, tanto a nível global como a nível local, para que se envelheça com melhor qualidade de vida e com dignidade.

Quando falamos em dignidade ou melhorar a qualidade de vida da pessoa idosa, consideramos não só o acesso a lazer e a melhores condições físicas, financeiras, sociais, psicológicas, mas também de se pensar o acesso à saúde pública de qualidade e à educação, como no caso a oferta de Universidade para a Terceira Idade (UNATI) ou ainda à assistência social, com distintos grupos de Convivência entre eles o de idosas/os como os encontrados nos CRAS etc., mas também o direito de vivenciar a própria sexualidade, por vezes esquecida pela família, pelas/os profissionais de diversas áreas do conhecimento científico, e pela/o própria/o

---

<sup>7</sup> De acordo com Faleiros (2011) “o conceito de proteção social é muito preciso na tradição francesa, significando a intervenção do Estado para a prestação de benefícios e serviços a categorias ou à massa da população como garantias de direitos, embora os sistemas de ajuda mútua tenham precedido essa forma” (p.35).

idosa/o. Parece que muitos de nós esquecemos que, nessa fase, mais do que em outras, a pessoa idosa tem a necessidade não apenas de alimentação, vestuários e melhores condições financeiras, mas carece de cuidados, atenção, de carinhos mais fraternais, como também de sentir a/o outra/o, de ter contato pelo toque (que pode evoluir para a prática do sexo), o que não deixa de ser um requisito importante para o bem estar nessa fase da vida. Como sinaliza Montagu (1988),

A necessidade de compartilhar a própria vida com os outros, tecendo a trama saudável dos contatos humanos, é uma necessidade básica, reflete-se no espelho que é a nossa pele. A comunicação por meio do toque constitui o mais poderoso meio de criar relacionamentos humanos. Os efeitos benéficos de tocar e ser tocado são muitos e são importantes não só para as crianças, mas também para os jovens, os adultos e fundamentais para os idosos. (p. 18).

Logo, é fundamental ter em mente que, embora as mudanças biopsicossociais provocadas pela idade tenham implicações sobre a vida sexual da/o idosa/o, não podemos considerar que ela/e não possa encontrar outras formas de viver sua sexualidade. É preciso, antes de tudo, entender a sua condição, partindo da compreensão de que a vida se divide em ciclos e que o ciclo da/o idosa/o é uma nova etapa da vida que acontece de forma gradativa para cada indivíduo, nas suas distintas e expressivas culturas e épocas.

Ademais, junto com as rugas na pele e os cabelos brancos, chegam múltiplos desafios, como as alterações fisiológicas, que tornam o organismo mais susceptível às doenças e às alterações psicológicas e podem demandar o medo, a depressão e o isolamento social. Esse quadro geralmente dificulta a aceitação do envelhecimento e ainda é agravado pelos mitos e estereótipos relacionados à velhice, tais como a ideia de que a/o idosa/o não mais vivencia sua sexualidade, como se o envelhecimento carregasse consigo o desinteresse pela vida e a sexualidade fosse inerente exclusivamente ao jovem (Moraes et al., 2011).

Não é por acaso que a questão da sexualidade da/o idosa/o venha ocupando, ainda que de forma tímida, lugar de visibilidade na televisão, nas propagandas, possibilitando, desse modo, mais espaços para a problematização do assunto, o que pode ser bastante pertinente e instigador como espaço de reflexões. Segundo Debert (2010),

Até os anos 1970 imagens de rebelião e subversão de padrões culturais estavam estreitamente associadas a personagens jovens. Desde os anos 1990 essas imagens são associadas também a pessoas mais velhas. É o caso da propaganda do micro-ondas em que uma velhinha diz que quer ter mais tempo para fazer sexo, ou da propaganda da família que encontra a vovó na cama com um velho e ouve dela que os filhos e netos não devem se preocupar porque o casal de idosos vai se casar. (p. 55).

Nota-se que é necessário problematizar o que chamamos sexualidade da pessoa idosa, ou que está na “terceira idade”, “melhor idade”. O que se pode perceber é que o problema tem sido considerar que a sexualidade se trata de reprodução ou aspecto patológico, sem enxergar que, enquanto envelhece, a pessoa experimenta mudanças normais e naturais esperadas para esse curso da vida.

Conforme destaca Leão (2009), são peculiares à pessoa idosa as transformações anatômicas e fisiológicas que afetam o corpo como um todo devido ao envelhecimento. A referida pesquisadora complementa dizendo que há alterações corpóreas naturais da idade, tais como perda de rigidez, de coordenação, de equilíbrio, além das mudanças hormonais, as quais afetam o desempenho sexual da/o idosa/o. Contudo, a autora alerta que a vivência do afeto e da sexualidade pode servir como excitante para que estas alterações sejam superadas.

Lembramos que há outras formas da/o idosa/o vivenciar sua sexualidade, como um longo abraço, um beijo carinhoso e carícias. Estes são comportamentos intimamente relacionados com a sexualidade; a intimidade e demonstração de ternura pela pessoa amada; a sensualidade presente nas várias formas de comunicação; um toque de carinho nas mãos, no rosto de quem se gosta; tocar seu corpo e descobrir que ainda existe prazer para ser explorado. Em suma, a sexualidade é parte integrante da personalidade do ser humano. Seu desenvolvimento se completa com a satisfação das necessidades humanas básicas, como o desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, amor e carinho (Moraes et al., 2011).

Conforme afirma Zornitta (2008), por fazerem parte de uma camada significativa da população, as/os idosas/os em sua maioria se sentem excluídos, principalmente no que diz respeito aos avanços tecnológicos que comportam a sexualidade, sem esquecer que muitos não tiveram acesso à educação sexual enquanto jovens. Em decorrência desse processo, muitos se veem diante de realidades que os deixam e os tornam incapazes de se sentirem incluídos e inseridos no contexto atual. É, pois, com o olhar voltado para a inclusão da pessoa idosa no debate sobre a sexualidade e para o despertar da atenção da/o assistente social para uma educação sexual direcionada para a/o idosa/o que se encontra motivação para essa pesquisa.

### **1.3 Justificativa da pesquisa e objetivos**

Frente ao exposto nas seções anteriores, tem-se compreendido que é preciso um (re)olhar diferenciado para a população idosa, razão pela qual se tem começado a investir mais

em programas, serviços, políticas públicas e sociais voltados para esse público. Porém, um dos investimentos necessários e de grande importância tem sido pensar a educação sexual voltada para idosas/os.

Cunha (2009) aponta que os estudos e pesquisas tratam a sexualidade da pessoa idosa como um tema pouco trabalhado, de difícil abordagem para as/os idosas/os. O preconceito e a visão limitada sobre a velhice e a sexualidade, pela sociedade ao longo do tempo, contribuem para essa dificuldade.

Além disso, no discurso do senso comum, não raro, as/os idosas/os são vistas/os como sujeitos assexuados, isso porque se entende que elas/eles, no seu contexto familiar e social, devem reservar seu tempo a exercer unicamente o papel ou a função de avó e avô, esquecendo que possuem desejos, carências e necessidades sexuais (Almeida & Patriota, 2009).

Posto isso, Martins (2012) frisa que “com a velhice, ocorrem alterações físicas e biológicas, porém as sensações não sofrem desgaste. Os idosos podem ter experiências sexuais satisfatórias, mas é preciso que tenham consciência e conhecimento das mudanças que ocorrem no seu corpo e no do(a) seu(ua) parceiro(a).” (p. 15).

Nesse sentido, a educação sexual pode ser uma estratégia fundamental para auxiliar as pessoas idosas no usufruto de sua sexualidade, na perspectiva de conquistarem uma melhor qualidade de vida diante da sua própria sexualidade, que às vezes é tão esquecida diante dos afazeres do seu cotidiano e da responsabilidade de ser exemplo nos distintos contextos, principalmente no seu seio familiar.

É nesse sentido que se pensa que uma pesquisa como essa se justifica e pode contribuir, na medida em que busca para esse entendimento das mudanças nesse processo em que se envelhece, mas principalmente para a superação de vários tabus, discriminações e preconceitos que são enfrentados no dia a dia por alguns idosas/os.

Diante desse contexto, entendemos que a formação dos distintos profissionais, entre elas/es a figura da/o assistente social, é uma grande aliada para lidar com as questões de sexualidade nessa fase da vida, sobretudo para se (re)pensar em uma política pública de educação sexual voltada para as/os idosas/os dentro dos CRAS, tendo em vista que no CRAS busca-se através dos Serviço ofertados pela “Proteção Social Básica: a) Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF); b) Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos; c) Serviço de Proteção Social Básica no domicílio para pessoas com deficiência e idosas” (Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, p. 5), desenvolver a sociabilidade, emancipação, empoderamento e fortalecimento de vínculos fragilizados ou rompidos e

promover esclarecimentos “por meio de ações de caráter preventivo, protetivo e proativo” (Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, p. 6).

É interessante destacar que há necessidade preeminente de investir na formação inicial de estudantes do curso de Serviço Social em educação sexual para que possam auxiliar as pessoas idosas durante o processo de envelhecimento, de modo que estas saibam lidar com as alterações sexuais e passem a viver plenamente essa sexualidade, ou seja, que essa vivência venha a ser saudável e contribua para uma melhor qualidade de vida, afinal, “não é razoável que tantos esforços sejam feitos para prolongar a vida humana, se não forem dadas condições adequadas para vivê-las.” (Salgado citado por Almeida, Gonçalves & Lima, 2005, p. 9).

Partindo desse entendimento e inserindo-se, portanto, entre os estudos que pensam a problematização da sexualidade da pessoa idosa relacionada à formação e atuação da/o assistente social, esta dissertação apresenta os seguintes objetivos:

- **Objetivo geral:**

- Investigar as concepções das/os Assistentes Sociais do município de Pau dos Ferros/RN, sobre Sexualidade, Educação Sexual e sua formação inicial, com vistas a verificar como elas/es concebem a sexualidade da pessoa idosa e como lidam com a (in)formação sobre a educação sexual voltada para esse público.

- **Objetivos específicos:**

- Conhecer as concepções das/os Assistentes Sociais relacionadas aos aspectos da formação inicial concernente à temática da sexualidade, assim como da sexualidade da/o idosa/o;
- Investigar as concepções das/os Assistentes Sociais referentes aos conceitos de sexualidade, educação sexual, envelhecimento e sexualidade da pessoa idosa;
- Verificar como a/o Assistente Social percebe a sua formação inicial e a sua atuação profissional para lidar com a sexualidade da pessoa idosa.

## **1.4 Organização do trabalho**

O conjunto de reflexões que pretendemos empreender, neste trabalho, encontra-se distribuído nas seções que sumarizamos a seguir:

Inicialmente, temos a presente seção de *Introdução*, na qual apresentamos e problematizamos a pesquisa e na qual trazemos a justificativa, os objetivos (geral e específicos) e a organização do trabalho.

Na sequência, temos a seção de *Método*, na qual destacamos a natureza da pesquisa, os participantes, o campo de estudo, os procedimentos éticos inerentes à natureza da pesquisa, bem como os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Na terceira seção, intitulada a *Sexualidade e educação sexual: questões introdutórias*, temos como finalidade abordar e esclarecer conceituações que recobrem a sexualidade e a educação sexual, considerando que muitas são as ambiguidades que atravessam esses termos.

A quarta seção, intitulada *Envelhecimento e sexualidade: desmistificando os estereótipos*, tem como objetivo focalizar a problemática do envelhecimento e alguns conceitos que atravessam essa problemática, explorando também a questão da sexualidade da pessoa idosa, que se constitui como fio condutor desta pesquisa. Na discussão feita, a ênfase recai sobre as mudanças que ocorrem nos aspectos biopsicossociais presentes no processo de envelhecimento humano. Tratamos também dos preconceitos, estereótipos e discriminações perante a sexualidade da pessoa idosa.

A quinta seção, intitulada *Serviço Social e Educação Sexual: aproximações necessárias*, tem por objetivo evidenciar a problemática da formação inicial da/o assistente social no tocante à sexualidade. Nesse ponto, damos atenção especial para a implementação do CRAS, tendo em vista que os CRAS são “a porta de entrada” para as políticas públicas sociais, bem como enfatizamos a importância da educação sexual voltada para a pessoa idosa.

Na sexta seção, apresentaremos os *Resultados e discussão dos dados: compreendendo as concepções e a formação inicial das assistentes sociais do interior do Rio Grande do Norte sobre a sexualidade da pessoa idosa*. Nesta seção, trazemos a análise dos dados da pesquisa, realizada a partir de entrevistas com as assistentes sociais do município de Pau dos Ferros (RN), procurando verificar, além do aspecto da formação inicial dessas profissionais, as concepções sobre sexualidade, educação sexual, envelhecimento e sexualidade da pessoa idosa.

Na última seção, temos as *Considerações finais*, na qual, além de retomar os resultados e discussões da análise, apresentamos alguns apontamentos e contribuições especialmente no que diz respeito a se pensar em uma política pública de formação em educação sexual para as/os assistentes sociais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, buscamos nos inserir no contexto das pesquisas que procuram problematizar a sexualidade e a educação sexual da pessoa idosa, lançando um olhar sobre o aspecto da formação em educação sexual de profissionais que lidam, em sua atividade profissional, com esse público. Diferentemente de muitas pesquisas que se centram em investigar a educação sexual no âmbito escolar e com foco em outros grupos sociais, propusemo-nos, nesta pesquisa, a apresentar uma contribuição ao debate da educação sexual, ao focalizá-la no contexto da formação e atuação da/o assistente social voltadas para a pessoa idosa.

Reconhecendo que, no campo da atuação profissional, a/o assistente social se apresenta como um desses (talvez, em alguns casos, os mais importantes) profissionais responsáveis por lidar com a população idosa e que, dentre suas atribuições, se encontra a possibilidade de abordar aspectos da sexualidade da/o idosa/o e de orientá-lo para uma vivência mais plena de sua sexualidade, assim buscamos, na presente pesquisa, investigar as concepções de assistentes sociais sobre sexualidade e educação sexual e sua formação inicial, com vistas a verificar como elas/es concebem a sexualidade da pessoa idosa e como lidam com a educação sexual voltada para esse público no contexto específico do CRAS daquele município. Tal empreendimento nos permite dimensionar em que medida, no âmbito da atuação profissional, esse profissional pode, de fato, contribuir com um trabalho voltado para a sexualidade da/o idosa/o, bem como de perceber o aspecto de sua (in)formação em educação sexual.

Buscamos respostas para as seguintes perguntas: o que as/os assistentes sociais entendem por sexualidade e por educação sexual? Como elas/eles concebem a sexualidade da pessoa idosa? Como elas/eles, em suas práticas, lidam com a sexualidade da pessoa idosa? Na sua formação acadêmica, elas/eles tiveram alguma disciplina voltada para lidar com a sexualidade da pessoa idosa?

Na busca de respostas para essas questões procuramos observar o lugar da/o idosa/o no mundo atual e lançar um olhar de atenção para essa população, considerando que, por razões diversas e em diversos aspectos, sobretudo na questão da sexualidade, essa população tem sido marginalizada, seja no âmbito da família, seja no espaço social mais amplo, inclusive no âmbito das políticas públicas de inclusão voltadas para grupos socialmente marginalizados.

Nesse sentido, partimos do diagnóstico de que há um elevado número de idosas/o que cresce a cada ano no Brasil (e no mundo), seja por motivos da baixa natalidade, seja também pelo aumento na expectativa de vida, de modo que estes idosos/os assumem um novo e relevante

papel no contexto mundial, em particular no contexto da sociedade brasileira. Partimos igualmente da compreensão de que o olhar voltado para a/o idosa/o é, porém, marcado por certos estigmas, discriminações e preconceitos, de modo que, por consequência, a população idosa se torna vítima da latente “questão social”, já que, reconhecidamente, faltam profissionais (de distintas áreas), sobretudo profissionais qualificados, “criativos”, “propositivos”, “críticos” e comprometidos para lidar com esse público.

Isso faz pensar que as/os idosas/os são invisíveis aos olhos não só da população, mas também do poder público e de suas instituições e políticas públicas voltadas para essa fase de vida. Logo, quando o tema é tratado por iniciativas governamentais, a sexualidade da/o idosa/o aparece, por vezes, como discutimos ao longo deste trabalho, de forma pontual e preconceituosa. Não podemos nos esquecer também que, como apontam alguns autores, tais como Martins (2012), Coelho (2006) e Arcoverde (2006), a percepção da sexualidade da pessoa idosa é socialmente carregada de discursos preconceituosos e de discriminações, já que se concebe as/os idosas/os como seres “assexuados”, esquecendo-se de que a sexualidade do ser humano pode ser vivenciada e expressa até seus últimos dias de vida.

Pudemos mostrar, neste trabalho, que a literatura da área deixa evidente a existência de algumas lacunas e nuances existentes na relação entre o curso de Serviço Social e as questões emblemáticas que envolvem a sexualidade e educação sexual da/o idosa/o. Essas questões se verificam também nos resultados das análises que desenvolvemos.

De acordo com os dados levantados, identificamos em suas concepções um contato superficial das assistentes sociais, durante a formação inicial, com as questões que envolvem a sexualidade humana. Ficou evidente que, apesar das assistentes sociais enfatizarem que tiveram, em algum momento de sua formação inicial, disciplinas, seminários e eventos voltados para sexualidade humana, a temática não foi abordada de maneira abrangente e em profundidade, uma vez que, segundo as depoentes, a abordagem se limitou a explorar “relação de gênero”, “sexualidade da pessoa idosa”, “sexualidade na adolescência” e “abuso sexual”, deixando, por exemplo, de enfatizar a sexualidade nas diferentes fases da vida, bem como de focalizar as diferentes questões que recobrem a sexualidade tais como sexualidade infantil, diversidade sexual, masturbação entre outros.

Identificamos também que algumas assistentes sociais confundem sexualidade com educação sexual e que elas revelam dificuldades de abordar esses assuntos na práxis, principalmente quando se trata de abordar a sexualidade da pessoa idosa, assumindo que, por vezes, acabam delegando essa discussão para a/o enfermeira/o do posto de saúde. Isso mostra que, ainda que seja animador constatar que a sexualidade da/o idosa/o tenha sido relatada no



contexto da formação inicial da/o assistente social, não deixa de ser preocupante, em alguma medida, verificar que, quando da atuação profissional, a assistente social aponte ter dificuldades de lidar e trabalhar com a temática da sexualidade da/o idosa/o. Isso revela, por conseguinte, a necessidade de, na matriz curricular do curso de Serviço Social seja na modalidade presencial ou a distância, constarem disciplinas, de forma organizada e sistematizada, que contemplem a abordagem da temática da sexualidade humana, com especial atenção para a sexualidade da/o idosa/o.

Os dados indicam também que as entrevistadas têm consciência de que não basta tão somente ter disciplinas abordando as relações de gênero, como, geralmente, tem se dado no processo de formação inicial no curso de Serviço Social, mas que abarquem outros conteúdos que enfatizem a sexualidade humana e principalmente o papel da/o assistente social no que concerne à educação sexual. Sem dúvida, direcionar a formação da/o assistente social para esse viés representa possibilitar condições de esses profissionais colaborarem no combate e na prevenção de violência (psicológica, física, moral e sexual), discriminações, estereótipos e preconceitos de toda ordem que pairam sobre a sexualidade dos indivíduos e principalmente da figura da pessoa idosa.

É merecedor de ressalva o fato da maioria das entrevistadas ressaltar que a sexualidade extrapola a experiência do ato sexual, que vai, portanto, além da genitalidade humana, sendo que, na visão das entrevistadas, a sexualidade é inerente ao homem nas suas diferentes fases de vida e como qualquer ato de se relacionar com outras pessoas. Quanto à pessoa idosa, pudemos constatar que se, por um lado, as entrevistadas revelam uma concepção de envelhecimento que extrapola o viés meramente biológico, por outro lado, revelam compreensão de ato sexual como manifestação de sexualidade, deixando de mencionar que a sexualidade envolve outras formas de manifestação como toque, masturbação, por exemplo.

Em síntese, podemos dizer que as falas dos assistentes sociais pesquisados indicam que eles já se depararam com a temática da sexualidade e da educação sexual, seja na formação inicial, seja no âmbito da atuação profissional. Com base nos relatos e nas concepções apresentadas, é possível perceber que, no que diz respeito à formação inicial, os assistentes sociais não têm uma compreensão abrangente e profunda da temática da sexualidade e da educação sexual, o que, por conseguinte, se reflete no âmbito da atuação profissional, já que elas assumem dificuldades de saber como abordar a temática, em especial com grupos de convivência de idosa/os, a ponto de, inclusive, por delegar essa responsabilidade para profissionais de outras áreas.

Esses resultados apontam que, apesar das iniciativas já existentes, é preciso investir na reformulação dos currículos de cursos de Serviço Social, de modo a incorporar cada vez mais a abordagem da sexualidade humana, sobretudo da sexualidade da/o idosa/o, em suas múltiplas nuances, haja vista que, como sabemos, são as/os assistentes sociais que vão atuar mais diretamente, em instâncias públicas, com os mais diversos grupos sociais marginalizados socialmente, dentre eles os grupos de idosas/os, desempenhando o relevante papel de garantir direitos e contribuir para a inclusão social e o protagonismo desses grupos, incluindo as questões envoltas à sexualidade.

É importante destacar ainda que é possível e são necessárias iniciativas das Universidades nas suas diferentes modalidades de ensino (EAD, presencial), no sentido de se desenvolver ações sistemáticas, projetos de extensão, pesquisas e de formação inicial e continuada que abarquem questões que envolvam a educação sexual e a sexualidade humana. Haja vista que a/o idosa/o tende a ser, inegavelmente, a faixa etária mais discriminada socialmente no que concerne à questão da sexualidade, insistimos aqui na necessidade de iniciativas dessa natureza voltadas principalmente para essa faixa etária, de modo que, assim, a/o assistente social reúna condições de contribuir mais eficazmente para que a/o idosa/o tenha melhor qualidade de vida, autonomia, dignidade e emancipação perante sua sexualidade.

Desse modo, os resultados de nossa dissertação acenam para a premente necessidade de investimentos em políticas públicas de formação da/o assistente social voltada para a sexualidade, em especial para a sexualidade da/o idosa/o. Igualmente, acenam para a necessidade de mais investimentos em linhas de trabalho que procurem contemplar iniciativas como: a) existência, nos cursos de formação inicial em Serviço Social, de disciplinas obrigatórias voltadas para as questões de gênero; sexualidade nas suas distintas faixas etárias, entre elas da pessoa idosa; b) promoção e realização, também ao longo da formação inicial do assistente social, de eventos, seminários, palestras, entre outras atividades, que abarquem temáticas que envolvam a sexualidade humana; c) formação continuada na respectiva temática, com atenção na sexualidade da pessoa idosa. É possível ainda pensarmos em iniciativas como elaboração de materiais didático-pedagógicos tais como cartilhas, vídeos e animações com conteúdos centrados na educação sexual voltada para a/o idosa/o que explorem a atuação das/os assistentes sociais nos CRAS, por exemplo, assim como a realização de atividades (palestras, rodas de conversas, por exemplo) das/os assistentes sociais junto aos familiares de pessoas idosas para (in)formá-los sobre como lidar com a sexualidade da pessoa idosa, considerando que, como relatado neste trabalho, há casos em que a família, por preconceito e/ou por

desconhecimento ou outra razão, acaba sendo empecilho para que as/ os idosas/os vivenciem plenamente sua sexualidade.

Como horizontes de ampliação do debate e de contribuições futuras, nosso trabalho de pesquisa permite vislumbrarmos a continuidade de pesquisas na temática, abarcando, por exemplo, estudos comparativos sobre a formação inicial e concepções de assistentes sociais de diferentes regiões do Brasil acerca da sexualidade da pessoa idosa (não descartando a possibilidade de abranger outras faixas etárias), investigações sobre o impacto da formação continuada de assistentes sociais em educação sexual (em especial, da sexualidade da pessoa idosa) no âmbito da atuação profissional, e estudos para examinar campanhas de órgãos públicos voltadas para a sexualidade da/o idosa/o, assim como os discursos da mídia (especialmente das novelas) e sua influência com a (des)informação das pessoas em geral acerca da sexualidade da pessoa idosa.

Para finalizar, queremos destacar a relevância de pensarmos a investigação dessas questões elencadas no parágrafo acima, bem como de outras que compõem o amplo leque de questões que recobrem a sexualidade e a educação sexual (incluindo aí a educação sexual voltada para o público idoso), articulando-as aos estudos e contribuições da área do Serviço Social, como possibilidade de ampliarmos o debate e de torná-lo (mais) interdisciplinar, e, por conseguinte, enriquecermos e aprofundarmos a compreensão sobre a educação sexual – concebendo-a, como parte da “questão social”, (re)forçando, assim, a concepção de indivíduo – idoso – como se inerentemente social.

